

Prioridade a juros da dívida

por Paulo Sotero
de Washington

A normalização dos pagamentos de juros da dívida externa é o assunto número um que os bancos credores pretendem tratar com os representantes do governo brasileiro, na rodada de negociações que se inicia hoje, em Nova York, com a chegada do assessor especial Fernão Bracher e do diretor para a dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas.

Segundo fontes financeiras, os porta-vozes dos credores não pretendem deixar passar oportunidades para renovar suas críticas à decisão do governo brasileiro de contratar dois bancos de investimentos, o First Boston, dos EUA, e o Warburg, da Inglaterra, para assistir o país no desenvolvimento e colocação de novos instrumentos financeiros a serem oferecidos à comunidade bancária.

"Há dois problemas com isso", disse o executivo de um grande banco. "O primeiro é que a contratação indica que

os bancos de investimentos estão mais bem informados sobre o que se passa no País do que o comitê de bancos, que não quer se ver relegado a uma condição de interlocutor secundário". "O segundo problema é que o Brasil está gastando um monte de dinheiro, a vista, para ter a assistência do First Boston e do Warburg, quando, por outro lado, não está pagando nem os juros da dívida e está atrasado também no pagamento das despesas das reuniões do comitê."

Computado o custo de transmissão dos longos telex que são expedidos aos quase oitocentos credores do País, depois de cada encontro, as reuniões do comitê custam cerca de US\$ 200 mil cada uma.

Apesar de recentes protestos de autoridades econômicas brasileiras e da enorme distância que existe entre as posições do Brasil e as dos bancos, em relação ao problema da dívida, o comitê continua a se considerar como um órgão de assessoramento do governo brasileiro e a debitar o custo das reuniões ao País.